

Galego e Português Brasileiro

história, variação e mudança



LaborHistórico

Volume 3 - Número 2 - jul./dez. 2017

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sumário

| | |
|---------------------|----|
| Apresentação | 10 |
|---------------------|----|

Xoán Carlos Lagares
Leonardo Lennertz Marcotulio

Dossiê Temático

| | |
|---|----|
| Norma e autoridade linguística no galego e no português brasileiro | 12 |
|---|----|

Henrique Monteagudo
Xoán Carlos Lagares

| | |
|--|----|
| Language Policies and Linguistic Culture in Galicia | 28 |
|--|----|

Anik Nandi

| | |
|---|----|
| Considerações sobre os conceitos de língua e variedade: uma discussão com base no galego | 46 |
|---|----|

Melina Souza

| | |
|---|----|
| Dêixis de lugar e esquemas imagéticos em amostras de fala do português brasileiro e do galego contemporâneos | 58 |
|---|----|

Maria Jussara Abraçado de Almeida
Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

| | |
|--|----|
| As construções de foco no galego é o que eu estou tentando entender | 71 |
|--|----|

André Felipe Cunha Vieira

| | |
|--|----|
| Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego modernos | 97 |
|--|----|

Valéria Gil Condé

Varia

Por que reeditar (e reler) "O tratamento você em português: uma abordagem histórica" 108

Christiane Maria Nunes de Souza

Clássicos

O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica 114

Carlos Alberto Faraco

Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego modernos

Lexical convergence through linguistic contact between the modern Brazilian Portuguese and Galician languages

Recebido em 11 de maio de 2017. | Aprovado em 03 de agosto de 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24206/lh.v3i2.17142>

Valéria Gil Condé¹

Resumo: Este artigo pretende discutir elementos de convergência entre o galego e o português brasileiro a partir de alguns exemplos colhidos no léxico. O ponto de encontro entre estas duas culturas se dá no norte de Portugal, precisamente na região entre o Douro e o Minho: que guarda características do ponto de vista histórico-linguístico com a Galiza; no caso do Brasil se dá pelo contato linguístico, motivado pela emigração dos portugueses do Norte. Para corroborar esta convergência, vamos nos valer de dados históricos de uma região, Minas Gerais, que recebeu um contingente significativo de emigrantes provenientes do Douro e Minho entre os séculos XVIII e XIX. Os dados linguísticos serão colhidos no Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (1977), em um estudo realizado por Paz-Andrade (1983) sobre o léxico em Guimarães Rosa e a título de comparação no Atlas linguístico Galego. Os dicionários nas respectivas línguas como também do português europeu também serão consultados. Dessa forma, poderemos analisar a inserção desses vocábulos em nível de registro nas sociedades em estudo.

Palavras-chave: léxico; galego; português; estudo histórico-comparativo; contato linguístico.

Abstract: This article discusses some elements of convergence between the Galician and the Brazilian Portuguese languages, with basis on some examples taken from the lexicon. The meeting between these two cultures takes place in the north of Portugal, in the region between the Douro and Minho, a region that, from the historical-linguistic point of view, has characteristics in common with Galicia. In Brazil, this convergence is due to linguistic contact, caused by the arrival to the country of immigrants from the North of Portugal. In order to corroborate this convergence, we shall use historical data from the state of Minas Gerais, which received a significant contingent of emigrants from the Douro and Minho between the 18th and 19th centuries. The linguistic data will be collected in the *Outline of a linguistic atlas of Minas Gerais* (1977), in a study conducted by Paz-Andrade (1983) on the lexicon in Guimarães Rosa, and, for comparison, in the *Galician linguistic Atlas*. Dictionaries in both languages, as well in the European Portuguese, will also be consulted. In this way, we can analyze the insertion of these words, at the level of register, in the societies under study.

Keywords: lexicon; Galician; Portuguese; historical-comparative study; linguistic contact.

¹ Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo, onde atua como professora de Filologia Românica. A sua pesquisa está vinculada a estudos comparados históricos do português às línguas iberorromânicas com ênfase nos seguintes temas: morfologia e estudos lexicais. vgconde@gmail.com.

“da minha aldeia vejo quanta terra se pode ver no Universo...” (Fernando Pessoa)

Este artigo pretende discutir, a partir do estudo do léxico, elementos de convergência entre o galego e o português brasileiro. O ponto de encontro entre estas duas culturas se dá no norte de Portugal, precisamente na região entre o Douro e o Minho, que guarda características do ponto de vista histórico-linguístico com a Galiza. As referências que sempre se fazem a respeito da relação histórica existente entre as línguas galega e portuguesa europeia remontam às relações de filiação genética (proposta contemplada no projeto intitulado ‘galego e português brasileiro; história, variação e mudança), decorrentes da origem linguística comum, originada na província romana da Gallaecia, região administrativa, que compreendia os *conventus bracarensis, lucensis, asturicensis* e *cluniensis*. O romance denominado galego-português é, portanto, proveniente de uma fatia territorial do Noroeste da Península Ibérica, que compreende aproximadamente na atualidade, parte de Portugal, o Minho, Trás-os-Montes; e, na Espanha, Galiza, Astúrias e Leão.

Esta relação histórica tem vindo à luz como uma arqueologia linguística, segundo bem observou Piel (1989, p. 55), através de pesquisadores, que se dedicam ao estudo da etimologia e do léxico toponímico hispânico, e muitos deles perceberam que há uma estreita relação entre algumas províncias galegas e regiões do Minho e Douro litoral, apresentando, dessa forma, uma certa unidade linguística deste léxico, que as distingue dos outros territórios pertencentes, tanto a Portugal quanto a Espanha.

É consabido que a formação do território português, que conhecemos atualmente, deu-se a partir de uma fatia maior do que foi o seu território inicial, o denominado condado portugalense, que alargou as suas fronteiras em direção ao sul. Nesse prolongamento das fronteiras, podemos acrescentar além da relação de filiação genética com a antiga Gallaecia a relação de contato, que se deu pela migração dos povos do norte em direção ao sul e que travou conhecimentos com intensas trocas culturais e linguísticas diferenciadas do que inicialmente poderia ter havido no condado portugalense, esse fato proporcionou uma nova configuração com a incorporação de novas formas linguísticas.

Nas palavras de Piel (1989, p. 56) o romance galego-português trazido do noroeste da península incorporaria outras variantes linguísticas à medida que integrava novos territórios:

na sua marcha para o sul, na época das reconquistas, e ao constituir-se uma língua comum com um vocabulário selectivo, o protoportuguês deixou atrás de si, como se abandona uma bagagem tornada incómoda, e fácil de substituir no caminho pelo espólio lexical das regiões que passam a ser integradas no reino de Portugal, uma parte apreciável das palavras-reíquias do seu berço minhoto-duriense.

Neste contexto, teremos como resultante para a formação do português um novo estrato linguístico, que se deu por questões de mudança na língua de prestígio à medida que o eixo territorial centrava a sua hegemonia na reconquista. Coimbra-Lisboa passou a ser a região de relevância no cenário linguístico de Portugal.

Ao observar a língua do português do Brasil, não podemos deixar de mencionar que a ocupação do território brasileiro se deu de forma paulatina, e temos de considerar os séculos que correspondem o XVI ao XIX, devido ao grande fluxo migratório (VIARO, 2005, p. 211), como também ao crescimento populacional e o surgimento e expansão das cidades.

Para um estudo de caso, o presente artigo se propõe a estudar o léxico de uma região cujo estudo já se encontra bem avançado no que diz respeito às pesquisas sócio-históricas: Minas Gerais, que recebeu um grande contingente de emigrantes provenientes do Norte de Portugal, principalmente entre os séculos XVII e XVIII, devido ao grande apogeu de extração do ouro nas Minas Gerais.

1. Elo cultural por contato: relação entre o Norte de Portugal e Minas Gerais. Relações histórico-sociais

Quem se dedica aos estudos de linguística iberorromânica, já observou que há um léxico comum a toda a Península, entretanto, há áreas que possuem mais afinidades do que outras. Saindo da Península e ampliando este universo para a România Nova, e focalizando no português brasileiro, é particularmente interessante verificar que a área de abrangência desta consonância cultural, não se dá apenas por herança, por razões já explicitadas anteriormente, a língua que recebemos, mas continuada através de contato, devido às emigrações em diferentes períodos. Neste caso, consideramos que este se deu por questões extralinguísticas decorrentes (i) de fluxos migratórios e (ii) pela escolha de um dialeto ou uma variante por questões de prestígio.

Ultrapassando as fronteiras políticas de Portugal, em direção ao Noroeste, podemos observar que há na língua galega atual e no português brasileiro, um léxico compartilhado, que no português do Brasil, ora se encontra integrado na norma culta, ora em nível popular. Não poucas vezes, este léxico se encontra apagado no português europeu, devido ao período da reconquista, que reconfigurou a sua história social, pelos fluxos migratórios ou pela elevação de uma variante por questões de prestígio em seu território. Podemos considerar, que o ponto de convergência lexical entre o galego e o português do Brasil se dá no Minho e Douro, que por sua transferência migratória, trouxe para Minas Gerais um repertório lexical que nos permite estabelecer esta relação entre as línguas citadas. Trata-se de um léxico desvelado que alterou o sentido semântico ou até deixou de ser veiculado em Portugal. É um estudo que ajuda a aclarar os estudos lexicais para todas as culturas envolvidas.

Considerando o contato por emigração, sabemos que este processo também faz parte da história tanto da Galiza quanto de Portugal. Em relação aos galegos, Villares (2015, p. 187) nos dá uma estimativa de quantidade e destinos mais frequentes escolhidos por eles, durante a segunda metade do século XVIII. Quantificada em 350.000 de migrações frequentes ou definitivas, para Portugal, as cidades escolhidas eram principalmente Porto e Lisboa, para a Espanha, Madri. É de se pensar na retro-alimentação dessa variedade linguística comum entre a Galiza e entre Douro e Minho, além da proximidade geográfica e filiação genética.

Os estudos históricos relacionados à presença dos galegos no Brasil estão direcionados principalmente aos séculos XIX e XX e muitos deles se reportam aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Portanto ainda não nos foi possível por ora estabelecer uma relação direta galegos-brasileiros em Minas Gerais.

Rosalía de Castro em 1863, comporia um poema no qual faz menção aos imigrantes galegos em território brasileiro:

“Se o mar tivera barandas
fórate ver ó Brasil;
mais como o mar non tén barandas,
amor meu, donde hei de ir?”

Já se encontram bem adiantados os estudos históricos a respeito da forte presença dos portugueses, provenientes do Norte de Portugal em Minas Gerais no período aurífero. Entre eles, merece destaque, Ramos (2008, p. 134) que neste trabalho evoca as relações sociais e familiares vigentes em Minas Gerais, em Vila Rica, à época capital de Minas Gerais, um núcleo urbano importante para a Capitania e que guarda relações em comuns com os núcleos familiares da região do Minho.

O elo entre o Norte de Portugal e Minas Gerais nasceu da convergência de valores e instituições sociais, não num sentido vago de ‘herança cultural’, mas no fluir constante de colonizadores portugueses para o Brasil e, com bastante frequência de sua volta a Portugal. Graças a isso, no final do século XVIII, a configuração social da família de Minas Gerais era muito semelhante à daquela região portuguesa.

Quanto à proveniência dos portugueses em Minas dos séculos XVIII e XIX, Ramos (2008, p. 140) demonstra em dados colhidos numa das paróquias pertencentes a Ouro Preto, que a grande maioria era proveniente do Norte de Portugal:

| Portugal | 1709-1725 | 1726-1753 | 1754-1804 | Total |
|-----------------|-----------|-----------|-----------|-------|
| Norte | 4 | 85 | 140 | 229 |
| Centro-Norte | - | 12 | 10 | 22 |
| Centro | 1 | 18 | 27 | 46 |
| Sul | - | 1 | 2 | 3 |
| Ilhas | 1 | 15 | 16 | 32 |
| Desconhecidos | - | 2 | 4 | 6 |
| Não portugueses | - | - | 3 | 3 |
| Total | 6 | 133 | 202 | 341 |

Tabela 1. Origem dos homens não-brasileiros que se casaram - Paróquia de Antônio Dias (1709-1804).
Fonte: Arquivo da Paróquia de Antonio Dias (doravante APAD). Livros de casamentos, n. 1-3, passim.

Corroborar com esta tese de que o emigrante português que partia para as Minas Gerais era de proveniência nortenha, Brettell (1991, p. 91):

Foi esta impressionante vaga de emigração na primeira metade do século XVIII, uma vaga impulsionada pela descoberta do ouro no Brasil nos finais do século XVIII, que levou os funcionários e observadores nacionais a manifestar o seu receio de que a expansão ultramarina e a “missão colonizadora” tivessem ido longe demais, pois havia demasiadas pessoas a abandonar a pátria e a esvaziar o país da valiosa população agrícola. Esta preocupação, dirigida em grande parte para a emigração das classes mais pobres do Norte de Portugal, iria manter-se ao longo do século XX.

Segundo Brettell (1991, p. 91) à diferença dos colonizadores, que havia deixado o país amparado pelo Estado ou por alguma empresa em âmbito estatal, o emigrante saía do país por escolha ou impelido por questões pessoais e muitas vezes, como no excerto transcrito anteriormente, à revelia da vontade do Estado. O Minho do período apresentava uma complexa organização social com um sistema fundiário e de propriedade estratificado, com médios e pequenos proprietários, lavradores, rendeiros, caseiros. Ou seja, nem todas as famílias eram proprietárias de terras nesta região.

O elo cultural ao qual Ramos (2008) se refere, está centrado na semelhança da estrutura familiar e econômica do norte de Portugal em comparação à encontrada em Minas Gerais, durante o século XVIII e início do XIX.

A forte presença destes nortenhos em Minas, como ficou demonstrado no gráfico anterior, contribuiu para a semelhança da estrutura familiar e econômica do norte de Portugal em comparação à encontrada em Minas Gerais no período que compreende o século XVIII e início do XIX. Desta forma, podemos perceber a similitude da organização social, segundo os estudos de Ramos (2008, p. 145-146):

1. A facilidade com que os homens mineiros se movimentavam em busca de novas oportunidades econômicas é semelhante à constatada entre os homens do norte de Portugal. Esses últimos estavam sempre prontos para migrar em busca de fortuna. A sociedade que surgiu em Minas Gerais não era diferente: os homens estavam sempre prontos para se mudar para o próximo local onde havia sido encontrado ouro, ou onde uma área de agricultura que se expandia. Embora os sistemas econômicos do norte de Portugal e de Minas Gerais possam ter sido diferenciados, os processos migratórios eram bastante similares.

2. Em média, as mulheres mineiras se casavam aos 22-23 anos de idade. Apesar de essas idades serem inferiores à média típica do norte de Portugal, ela era superior à esperada nas sociedades coloniais tradicionais.
3. Grandes proporções de mulheres que chefiavam famílias no Brasil, especialmente em Minas Gerais. Na amostra de 12 comunidades: um terço das famílias eram comandadas por mulheres, e desse total, 58,7% delas eram solteiras, enquanto 34,1% eram viúvas. As restantes eram casadas, mas não há registros de maridos morando na casa à época do censo.
4. Durante a terceira década do século XIX, as mulheres constituíam de 23,5% a 40,6% dos chefes de família nas 12 comunidades da amostragem. (Barroso, Cahoeira, Capela Nova, Itabira, Matozinhos, Ouro Branco, Ouro Preto, Ribeirão Abaixo, Ribeiro, Santa Rita, São Gonçalo do Bação e Tejuco).

Após estas considerações, que poderiam ser mais exploradas, mas que para este estudo, fugiria um pouco do escopo principal, passemos a uma outra avaliação do tipo linguístico-cultural entre a Galiza, Douro-Minho e Minas Gerais.

2. Elo cultural por contato: entre a Galiza e Minas Gerais

Um estudo interessante e que vale a pena mencionar aqui foi feito por Paz-Andrade (1983) no qual encontra traços de galeguidade na obra de Guimarães Rosa. Em busca de vestígios de galeguidade, Paz-Andrade adentra no mosaico da nossa cultura e mergulha no mundo rosaliano. Dessa forma, reclama uma retro ascendência minhota, para a origem familiar de G. Rosa, proveniente da vila de Guimarães, região entre o Minho e o Douro, quase fronteira sul do primitivo reino da Galiza. E vai nos indicando com dados históricos, sobre a formação da cidade natal de G. Rosa, Cordisburgo, que, nos fins do séc. XIX, início do XX, recebeu pedreiros emigrados de Portugal, os quais foram responsáveis pela construção da igreja matriz. Estabelece uma ponte cultural através de palavras, provérbios e aspectos culturais, presentes em Minas e que se assemelha à língua e cultura da Galiza.

Mais do que contrapor as duas línguas, Paz-Andrade (1983) viu na escrita de Guimarães Rosa uma forma de contextualizar o mundo rural, complexo e rico do ponto de vista cultural, humano e linguístico. Observou com olhar crítico como o centro vê as margens: como o mundo rural se contrapõe ao mundo urbano e, de uma certa forma, enxerga na linguagem de G. Rosa uma descrição antropológica e histórica desse mundo, sem folclorização. Entre outros, este foi o grande contributo de Rosa, demarcou as fronteiras entre mundo rural e urbano, num momento em que a urbanização vai se configurando de forma ostensiva, sinônimo de progresso, em detrimento do mundo rural, rústico e ultrapassado.

Esta análise comparativa, proposta por Paz-Andrade, nasceu do seu discurso elaborado para a sua entrada na condição de integrante (membro numerário) na Real Academia Galega em 1978. Neste período, o galego dava início à formalização estatutária da sua língua, que culminou com a Lei de Normalização Linguística em 20 de abril de 1983 e que passou a ser considerado, do ponto de vista constitucional, co-oficial na Galiza, ao lado do castelhano. De uma certa forma, a galeguidade reclamada por ele em Minas, confere autoridade para a língua galega e a coloca em evidência, restituindo-lhe *status* de importância. Não poucas vezes, este é o retrato do panorama cultural e linguístico de uma língua em situação periférica em relação à língua hegemônica, em situação de diglossia.

Outro ponto a se considerar é o de que houve um espelhamento entre as línguas: entre a língua galega e o repertório linguístico do mundo rural mineiro e que de uma certa forma, promove e rea(s)cende a auto estima dessas línguas. Por um lado, o galego se reconhecia numa relação de continuidade, através do português do Brasil e pelas mãos de um escritor de inegável valor literário. Por outro lado, as escolhas linguísticas feitas por G. Rosa se basearam na manutenção de um universo cultural de formação galego-portuguesa, antigo e erudito, mas com possibilidades de ultrapassar o mundo rural e se reconhecer numa língua ainda falada na atualidade.

Este repositório era visto, muitas vezes, como estanque, devido ao alto grau de erudição do escritor, e esse vocabulário era considerado como pitoresco e ou esquecido, que ia de encontro ao mundo de valores progressistas do mundo urbano. Não, não se tratava de resgate de repertório erudito. Muito da língua antiga, que permeava a

sua obra literária, encontrava-se além do meio rural mineiro e tinha ressonância no mundo, tanto minhoto quanto galego. G. Rosa exhibe este falar do mundo rural, sem caricaturá-lo.

Além de ser originário da região que descreveu, as suas andanças e convivências no sertão mineiro abonavam a arquitetura desse mundo. Importante lembrar que ao tratarmos de uma obra literária, não podemos deixar de considerar a construção estilística e neológica. Entretanto, o olhar que Paz-Andrade lançou sobre a obra de G. Rosa, identificou tanto o nível de construção neológica e estilística, ou dito de outra forma, “virtualmente existente no sistema, mas inédito na norma” (COSERIU, 1979, p. 68), como também possível e realizável, tanto em nível de sistema quanto de norma, ao identificar traços comuns do léxico mineiro do cotidiano atual no universo cultural e linguístico galego. Neste aspecto, ao lançar luz sobre estes elementos, superou a dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia, pois percebeu as consonâncias de combinações linguísticas entre as duas culturas, ampliando-as para uma visão pancrônica.

G. Rosa foi um profundo pesquisador do mundo do sertão mineiro e rural. Muitos estudiosos da sua obra confirmam esta forma de produção artística, entre eles, Carvalho (2010, p. 112) que descreve através de informações colhidas na revista O Cruzeiro de 1952, sobre a sua forma de aprofundar na cultura rural:

vem pois, o Dr. João, com esses todos e mais o primo, dono de gado, em comitiva por aí abaixo – todos debaixo do comando do supremo capataz Manuelzão de rosto longo, tipo asceta, austero e fechado, e nem de muitas palavras – com um caderno suspenso ao pescoço para anotar aí, em letra miúda, o que vê e ouve, tudo do sertão, pedras e calhaus, rama e folhinha, fio de capim, berros e pios, maneiras e modos, falas e silêncios, bois e vaqueiros, pés-duros e chapéus-de-couro. O gosto pelo pormenor, a paixão pelo detalhe.

Exemplos de léxico comum ao galego e ao português brasileiro

A tese desenvolvida por Paz-Andrade sobre o léxico comum ao galego e ao português brasileiro, via ascendência galego-portuguesa, em G. Rosa, apresenta alguns pontos interessantes, dignos de serem aprofundados. Um deles é **amojar**: Paz-Andrade (1983, p. 104-105) considera um neologismo formado a partir de mungir. Ele não exemplifica, parafraseia (DANIEL, 1968, p. 28) que também não contextualiza a ocorrência. Esta autora informa sobre o uso de amojar na obra de G. Rosa e o considera um arcaísmo. Em busca de exemplificações, consultamos duas obras, a saber, Sagarana (1976) e Grande Sertão Veredas (2006, p. 42) e encontramos uma ocorrência, ‘amojando’:

pois foi na Laje do Tabuleiro, onde tem os cochos... A gente dando sal com quina, por causa que, por perto, lá, estava começando a aparecer peste. O gado fêmea todo reunido: as novilhas solteiras, as vacas **amojando**, as outras com as crias taludas, ou bezerrada miúda, de dias só.

O sentido que podemos inferir neste excerto é o de ‘vacas com o peito cheio de leite, recém-paridas ou não’; verbo intransitivo. Esta acepção é veiculada na atualidade no Brasil, além de amojada como adjetivo. Ao realizar uma pesquisa pelos dicionários atuais, verificamos que amojar encontra-se recolhido. O Dicionário Houaiss & Vilela (2001), por exemplo, registra amojado, e o define como regionalismo proveniente do Nordeste Brasileiro e de M. Gerais, entretanto, em uma busca realizada pela internet, encontramos inúmeros anúncios publicitários atuais, provenientes de todas as regiões do Brasil, de compra e venda de vacas amojadas ou amojando. Importante informar, que em Borba (2002) um “Dicionário de usos do português do Brasil” no qual o autor fez uma recolha de um *corpus* da língua escrita em prosa no Brasil a partir de 1970, reunindo 70 milhões de ocorrências de palavras em textos literários, técnicos, de oratória e jornalístico, encontra-se amojar com duas acepções: ‘estar com o úbere cheio antes de parir’ e ‘emprenhar, cobrir para reprodução’. O que nos leva a considerar que este verbo se encontra em uso em todo o Brasil, ainda na atualidade.

De suas recolhas para o Atlas Linguístico da P. Ibérica, Cintra publica em 1962, os resultados em um artigo sobre a estrutura lexical do território português (que será abordado aqui a partir da sua reedição de 1995) no qual nos informa que encontrou em dois pontos no mapa de Portugal, localizados no Norte de Portugal, ‘amojar’ e ‘mojar’, derivado a partir de amojo, com sentido de ‘úbere’. Cintra, confronta dois estudos para explicar essas ocorrências. Um, o estudo de Piel, que vê em amojar, um derivado de verbal de amojo. Outro, o de G. de Diego:

derivado a partir de monger, moger, mungir, mugir, por influência da terminação em -ar de ordenhar, primeira conjugação.

Segundo Cintra (1995, p. 61), amojar e mojar são de formação antiga do português, em vias de desaparecimento. Desconfia o autor de que essa forma exista no Brasil, apesar de relatar que Cândido de Figueiredo confirmou a sua ocorrência no sul do Brasil.

Um estudo complementar a esse e que nos ajuda a entender a área léxica de amojar, foi realizado por Dubert e Sousa (2002, p. 196-197), através de uma comparação entre o artigo de Cintra e o Atlas Linguístico da Galiza, afirmam que amojar na acepção de 'encher-(se) o peito de leite' é encontrado na Mesquita, na Galiza, e que não se recolhe ordenhar em todo o território galego, o que reforça a tese preconizada de Piel: um derivado deverbais de amojó.

Podemos inferir que amojar, com sentido de encher-(se) o peito de leite, como informou Cintra, em vias de desaparecimento em Portugal, encontra-se em pleno uso no Brasil. Também se encontra recolhida na Galiza, segundo Dubert e Sousa (2002).

Um outro exemplo, que merece atenção em Paz-Andrade (op.cit., p. 109), é **arco-da-velha**. Informa-nos o autor a área lexical onde ocorre e apresenta os seus sinônimos, a partir do que encontrou no dicionário da Língua Portuguesa de Francisco Torrinha:

na literatura moderna do português, arco-íris obscureceu a arco-da-velha. Na fala do povo, forma tão expressiva, tem uso incompartido nos territórios do antigo Reino da Galiza, compreendendo Trás-os-Montes, Serra da Estrela e outros, do Norte de Portugal. Nos dicionários do português ainda figura o conjunto com arco-de-Deus, arco da chuva, arco da aliança, arco de pipa...

Colhe exemplos de Sagarana (1976, p. 197): "houve o arco-da-velha no céu, num abrir de sol, mostrando as cores, com um pilar no mato e o outro no monte". E em Corpo de baile (1973, p. 27): "reduzidinho retalho de arco-da-velha aparecendo, bonito, bebedor".

Para saber a respeito do uso de arco-íris e arco-da-velha em Minas Gerais, buscamos informações no atlas linguístico de Minas Gerais, doravante (EALMG), realizado por Ribeiro (1977). Das várias acepções descritas na carta léxica número 1, arco-íris é a forma majoritária, seguida por arco-da-velha, veja-se o mapa abaixo. A distribuição que se dá por todo o estado é bem homogênea para uma e outra denominação, havendo concorrência entre as lexias em muitos dos municípios que compõem a carta. Na cidade de G. Rosa, Cordisburgo (ponto 52) as ocorrências encontradas foram arco-íris e rabo-de-galo. Relacionando a paisagem de criação de Rosa com a região que integra a extensa bacia hidrográfica do rio das Velhas, temos as cidades de Cordisburgo (ponto 52), Sete Lagoas (ponto 53) e em ambas são encontradas lexias concorrentes, a saber, arco-íris e rabo-de-galo. Em Curvelo, cidade limítrofe com Cordisburgo (ponto 16), arco-íris e arco-da-velha (para maior clareza, os três pontos foram demarcados no centro do mapa).

A escolha por arco-da-velha ou arco-íris poderia se dar, pois são sinônimas, já entre arco-íris e rabo-de-galo são tipos de arco-íris diferentes. Propomo-nos aqui a explicar a motivação para a denominação rabo-de-galo. Há uma nuvem popularmente conhecida como rabo-de-galo (*cirrus uncinus*). Esta nuvem formada por cristais de gelo, é identificada pelo formato de um rabo-de-galo e que, ao receber a refração dos raios solares, torna-se avermelhada. Este fenômeno recebe o nome de arco-íris-de fogo na região sul do Brasil. Esta variedade de arco-íris, segundo especialistas, é fruto de mudança bruscas de temperaturas e o sol deve se encontrar muito alto, a 58 graus acima da linha do horizonte. Sugerimos que esta criação lexical se dê por zoomorfismo, diferindo do proposto por Ferreira e Cardoso (1999), que sugerem uma motivação não zoomórfica.

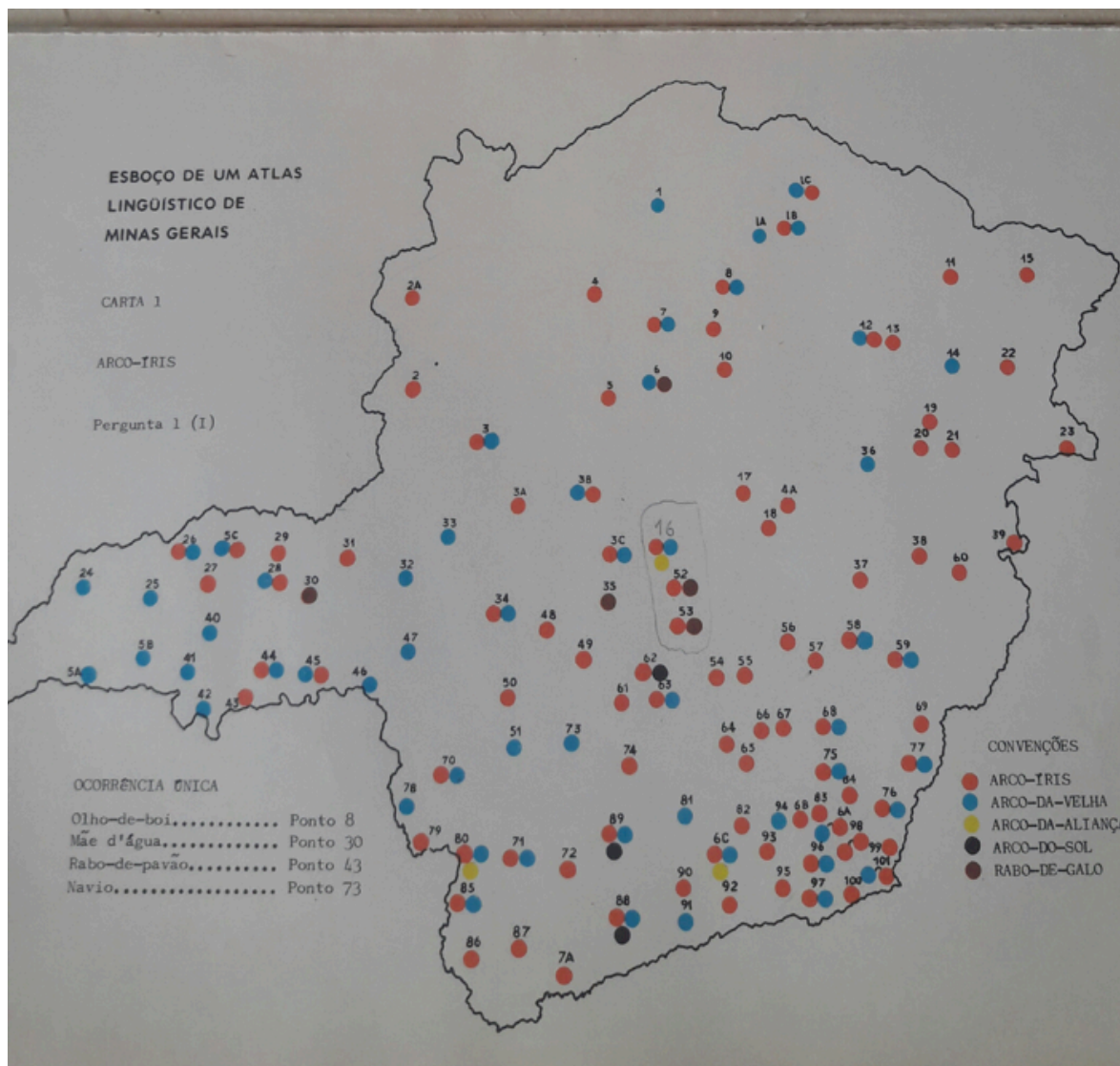
Arco-íris e arco-da-velha do ponto de vista semântico são lexias sinônimas, ambas eram conhecidas por G. Rosa, pois estão amplamente disseminadas no território mineiro.

Em *Grande Sertões: veredas* (1994, p. 63), por exemplo, recolhemos arco-íris: "Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares..."

Ferreira e Cardoso (1999, p. 21) afirmam que arco-íris é a lexia por designação "*generalizada em língua portuguesa para o fenômeno*" e exemplifica com estudos em cinco regiões brasileiras, a saber, Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Paraná.

A título de curiosidade, as formas com menos representatividade são: arco-da-aliança, arco-do-sol. Com apenas uma ocorrência temos olho-de-boi, ponto 8, município de Capitão Enéas; mãe-d'água, ponto 30, município de Indianópolis; navio, ponto 73, município de Formiga; rabo-de-pavão, ponto 43, município de Planura.

Para arco-da-velha, o dicionário de Barros (2006) sobre o falar de Trás-os-montes e Alto Douro, registra apenas arco-da-velha e a define como sinônima de arco-íris. Como se trata de um dicionário regional, o autor indica somente as palavras que reconhece pertencer às variedades linguísticas das regiões estudadas; indica a localidade ou fonte onde as recolheu, mas não exclui a possibilidade de ocorrência em outras localidades das citadas regiões. Dessa forma, abona arco-da-velha, indicando que se encontra em Vila Real e Freixo de Espada à Cinta; e d'abelha, localidade de Pinelo-Vimioso.



Fonte: reprodução feita a partir do EALMG, Ribeiro (1977), carta 1, arco-íris.

Em dicionários, por exemplo o de Borba (2002), abonadas separadamente encontram-se: arco-íris, arco-da-velha e arco-da-aliança, definidas como sinônimas de arco-íris; o do Houaiss e Vilela (2001), também abonadas separadamente e como sinônimas de arco-íris temos: arco-celeste, arco-da-aliança, arco-da-chuva. Em arco-da-velha, além de indicar a sinonímia com arco-íris, define-a como informal, assim como em arco-de-deus. Já em olho-de-boi, descreve-a como um regionalismo, proveniente do estado da Bahia, e a define como um arco-íris incompleto. Interessante relatar que esta ocorrência se encontra no município que pertence à microrregião de Montes Claros e, segundo o EALMG (1977, p. 41), recebe muita influência dos falares baianos e nordestinos. Ferreira e Cardoso (1999, p. 22-23) demonstram claramente através de estudo comparativo entre os atlas regionais do Brasil, 'que há um *continuum* traçado por esta lexia: Paraíba, Sergipe, Bahia e M. Gerais'. Também demonstram, através deste estudo comparativo entre os mapas das regiões do Brasil, que a forma predominante em todo o

território é arco-íris. Para arco-da-velha, o dicionário de Barros (2006) sobre o falar de Trás-os-montes e Alto Douro, registra apenas esta lexia e a define como sinônima de arco-íris. Como se trata de um dicionário regional, o autor indica somente as palavras que reconhece pertencer às variedades linguísticas das regiões estudadas; indica a localidade ou fonte onde as recolheu, mas não exclui a possibilidade de ocorrência em outras localidades das citadas regiões. Dessa forma, abona arco-da-velha, indicando que se encontra em Vila Real e Freixo de Espada à Cinta; e d'abelha, localidade de Pinelo-Vimioso.

A distribuição de arco-íris na P. Ibérica é muito interessante. A sua introdução se deu via espanhol e suplantou tanto arco-da-velha quanto arco-da-aliança no português europeu e que foi depois, transplantado para o Brasil, como vimos anteriormente. A forma, *arc iris* irradiou para o catalão e o valenciano, mas o mais usual é *arc de sant martí*. Corominas (1991) registra em castelhano, arco iris, arco del cielo, celeste ou celestial e informa que *arco del san martín* é usual em Múrcia, mas que sua origem é catalã. Se arco-íris foi acolhido e se encontra também em uso em territórios de fala não castelhana, na atualidade, há uma política de promoção linguística no que diz respeito às línguas regionais autóctones, em demarcar os seus espaços linguísticos. No que diz respeito à normalização linguística das línguas em situação de co-oficialidade com o castelhano, depois de 1980, a tendência é a de que os escolarizados saibam os contextos normativos de uso de uma e outra forma. Resulta muito interessante, observar a língua galega na qual a forma preponderante é *arco da vella*, a exemplo do que nos informou Paz-Andrade (1983) ou dicionários de língua galega. O dicionário de Quintas Rivas (2015), por exemplo, abona somente *arco da vella*, indica como sinônimo de arco-íris e discorre a respeito da sua ocorrência tanto no asturiano ocidental, *arco da veia* quanto no português, arco-da-velha. Nas outras línguas da P. Ibérica, nas quais divide a oficialidade com outras línguas regionais, *arco iris*, é considerado um castelhanismo. Sobre a presença de arco-íris na Galiza, podemos inferir, (i) que o falante seja de origem galega, mas monolíngue em castelhano, (ii) emigrado de região de fala castelhana, ou (iii) galego, mas não alfabetizado na língua autóctone, (iv) falante de galego, com interferências do castelhano, pois foi, após a década de oitenta do século passado, que o Estatuto de Autonomia conferiu *status* de co-oficialidade às línguas regionais e a língua passou a ser normalizada em todos os espaços sociais.

Ao observarmos o Atlas Linguístico Galego (2003), doravante ALGa, carta 91 na qual figura a lexia '*arco da vella*' (pergunta 644 '*arco da vella*' no questionário), poderemos chegar a conclusões interessantes a respeito da incursão de arco-íris versus arco-da-velha. A mais disseminada é arco da vella. Ao todo são 152 pontos distribuídos nas 4 províncias da Galiza, além de mais alguns pontos em regiões de fronteira, onde também se fala galego, Astúrias, León e Zamora. Interessa-nos apenas selecionar os pontos nos quais encontramos formas únicas para arco-íris ou que apresentaram as duas formas, a saber, arco iris e arco da vella (com alguma variação). Para maior clareza, os nomes dos lugares com a respectiva província serão nomeados, assim como encontram-se os pontos relacionados no mapa de Minas gerais. Podemos inferir, a respeito da ocorrência arco-íris, que muitas vezes ela está presente nas regiões na qual faz fronteira com Portugal e regiões de fala espanhola. Entretanto, também ocorre em regiões mais interior ou que faz fronteira com o Atlântico. Para essas ocorrências seria interessante realizar um estudo histórico social dos municípios onde ocorrem, e se haveria um processo de normalização linguística para fomentar os espaços da co-oficialidade. A seguir, seguem-se as ocorrências distribuídas pelas províncias encontradas no ALGa.

Na província d'A Corunha, com 49 pontos, apenas um apresentou a lexia única, *arco iris* no ponto C2, em Chínparra, concelho de Cerdeira. Em outros três pontos, a saber, C13, Xermaña, concelho d' A Laracha; C16, Ponteceso, concelho de Ponteceso e C48, Cabo de Cruz, concelho de Boiro, apresentaram *arco iris* e *arco da vella*. Em Capela, concelho de Touro, ponto C40, *arco iris* e *arco de vellas*.

Na província de Lugo, dos 39 pontos, há dois pontos no qual se usa a lexia arco iris: L1, Pelourao, concelho de Viveiro; L7, Muras, concelho de Muras.

Com as duas lexias, a saber arco da/de vella (s) e arco iris, temos L4, Rinlo, concelho de Ribadeo; L26, A Pobra de San Xiao, concelho Láncara; L32, Seoane do Courel, concelho de Folgoso do Courel (*arco de vella*); L37, Outeiro, concelho de Quiroga (*arco de velhas*).

Em Pontevedra com 33 pontos, não há ocorrência única de *arco iris*. As lexias estão em variação entre *arco iris* e *arco da vella* em P1, Vila de Cruces, concelho de Vila de Cruces (*arco de velas*); P12, Fetiñans, concelho de Cambados; P10, Forcarei, concelho de Forcarei; P18 Cela, concelho de Bueu. Em P24, Moledo, concelho de Vigo, variação entre *barco de vella* e *arco de vella*.

Em Ourense, 31 pontos, ocorrência única de *arco iris* pode ser verificada em O18, Soutelo, concelho de Vilariño de Conso; O26, A Terrachá, concelho de Entrimo e O30, Oímbra, concelho de Oímbra.

Com variação entre *arco iris* e arco da vella/ arco de vellas, arco das vellas, circo, circo de velas, arco das novas, circo, temos em O8 Larouco, concello de Larouco; O14, Baños de Molgas, concelho de de Baños de Molgas (arco das velas); O20, Xinzo de Lima, concelho de Xinzo de Lima; O29, Vilar de vós, concelho de Vilar de vós. Em O21 A Gudiña, concelho d' A Gudiña (circo da vella); O17, Viana do Bolo, concelho de Viana do Bolo (arco de vellas); em O22, Campobecerros, concelho de Castrelo de Val (*circo*); O 23, Martiñan, concelho de Bande (*arco das velas*).

Nem sempre nas regiões nas quais se fala o galego, fora da Galiza, há política de incentivo linguístico em relação à sua promoção. Ainda assim, dos 5 pontos de fala galega constantes em León, há preferência por arco da vella, pois apenas em um ponto, L5, Pobriego, concelho de Benuza, encontra-se a ocorrência única de arco iris. Os outros pontos apresentam ocorrência única com a lexia arco da vella/ arco de vella.

Dos 3 pontos em Zamora, apenas em um ponto apresenta as lexias concorrentes *arco iris* e *circo da vella*, em Z2 Lubián, concelho de Lubián. Outro apresenta *zurco*, em Z1 Porto, concelho de Porto. Em Hermisende, Z3, concelho de Hermisende, ocorrência única de *circo da vella*.

Em Astúrias, dos sete pontos de fala galega, lexias de *arco iris* e *arco da/de vella* em A1, Calvario de Salave, concelho de Tapia de Casariego; A2, Coaña, concelho de Coaña; A5, Vilanova de Oscos, concelho de Vilanova de Oscos; A7, San Antolín, concelho de Ibias.

Considerações finais

Ainda que a heterogeneidade reja os estudos do léxico histórico de uma língua, nessa pesquisa, podemos considerar, através do *corpus* selecionado para esse estudo, que conseguimos perceber uma certa homogeneidade, marcada pela relação histórica.

Entre o galego e o português minhoto, podemos considerar que se manteve principalmente uma relação de filiação genética, recorrente em todo o Noroeste Peninsular, especialmente relacionada à região histórica galego-portuguesa. Nessa região, podemos inferir também que há um reforço linguístico, devido ao contato migracional minhoto-galego na região. Para o português brasileiro, a transmissão se deu por contato.

Entre as formas literárias e populares do léxico rosaliano, nota-se uma profícua e rica permuta, fato que contribui para a norma no sentido coseriano.

A inovação se deu através da lexia arco-íris que, ora concorre com arco-da-velha ora se sobrepõe. Ainda que algumas formas estejam se apagando do léxico culto, notamos que o léxico popular ainda deixou pegadas na história das culturas em estudo.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ BLANCO, Rosario; FERNÁNDEZ REI, Francisco; GONZÁLEZ GONZÁLEZ, Manuel. *Atlas Lingüístico Galego: Léxico. Tempo atmosférico e cronolóxico*. Vol. 4. GARCÍA, Constantino, SANTAMARINA, Antón. (Dir.). A Coruña: Fundación Barrié de la Maza, 2003.
- BARROS, Vítor Fernando. *Dicionário do falar de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Editora Colibri, 2006.
- BRETTELL, Caroline B. *Homens que partem, mulheres que esperam: Consequências da emigração numa freguesia minhota*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Desmedida: Luanda, São Paulo, São Francisco e volta*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- CASTRO, Rosalía. *Cantares Gallegos*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2006.
- CINTRA, Lindley. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. 2. ed, Lisboa: Sá da Costa Editora, 1995.
- COROMINAS, Joan. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispano*. 6 v. Madrid: Gredos, 1991.
- COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1968.

- DUBERT, Francisco. SOUSA, Xulio. Área lexicais galegas e portuguesas. A proposta de Cintra aplicada ao galego. In: ALVAREZ, Rosario; SOUSA, Xulio. (Ed.). *Dialectoloxía e léxico*. Santiago de Compostela / Instituto da Lingua Galega, 2002, p. 193-222.
- RIVAS QUINTAS, Eligio C. M. *Dicionario Etimolóxico da Lingua Galega: Léxico rural do noroeste hispano*. 1. ed. Santiago de Compostela: Tórculo Comunicación Gráfica, 2015.
- FERREIRA, Carlota da Silveira; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Arco-íris no Brasil: um estudo linguístico antropológico a partir dos atlas regionais. *Revista do Gelne*, ano 1, n°2, p.21-24, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOUAISS, Antônio; VILELA, Mário de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- PAZ-ANDRADE, Valentin. *A galegidade na obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: Difel, 1983.
- PESSOA, Fernando. *O guardador de rebanhos*: Alberto Caeiro. Lisboa: Editorial Presença, 1994.
- PIEL, Joseph-Maria. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- RAMOS, Donald. Do Minho a Minas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. v. 44, n° 1, janeiro / junho, p. 131-153, 2008.
- RIBEIRO, José; ZAGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976
- VIARO, Mário Eduardo. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, Luís Antônio da Silva (Org.). *A língua que falamos. Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Editora Globo, 2005, p. 211-252.
- VILLARES, Ramón. *História da Galiza: Uma memória dos avôs europeus*. Bahia: Mar Maior Editorial Galaxia, 2015.